



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

PRÁTICAS DE CURA E CUIDADOS DE SI: O USO DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS EM CAMPINA GRANDE - PB (2009 - 2019)

Edgar Francisco do Nascimento - (Mestrando/PPGH/UFCG)

edgarfnascimento@yahoo.com.br

Nesta pesquisa, temos como objetivo problematizar práticas de cura e cuidados de si a partir do uso das plantas medicinais e fitoterápicos em Campina Grande-PB, no período compreendido entre 2009 e 2019. A documentação selecionada consta de embalagens, rótulos de produtos, folhetos publicitários, legislação e entrevistas, dentre outras que surgirem durante a pesquisa. A escolha do recorte temporal refere-se a dois marcos: o primeiro data da publicação do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em 2009, quando observamos um aumento da produção e comercialização de fitoterápicos. O segundo marco temporal foi definido para 2019, considerando-se que neste ano completam-se dez anos da publicação do documento, observamos, em nossas vivências como consumidores, mudanças nos usos e nos espaços de venda e de divulgação desses produtos e das práticas de cura. Para concretização de nossos objetivos estabelecemos diálogos teóricos e metodológicos com os seguintes autores: Tavares (2016), com suas reflexões sobre o consumo da natureza, caracterizado como “consumo verde”; Ribeiro (2014), com sua análise sobre como o conhecimento tradicional e popular estão inseridos no Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, dentre outros. Em nossas pesquisas iniciais percebemos que o uso de plantas medicinais e de fitoterápicos passou a ser praticado pela população como uma alternativa a medicina alopática, configurando-se como um retorno a práticas de cura que estavam em desuso na sociedade e, que, refletem a busca pela qualidade de vida no tempo presente.

Palavras-chave: História - cura - plantas medicinais

Nos dias atuais, a velocidade das transformações nos distintos setores da sociedade resulta em significativas mudanças nos hábitos alimentares, e por consequência, nas práticas de cura do sujeito ordinário, que através do “consumo verde” vem almejando





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

qualidade de vida através de Produtos naturais. Surgem assim novas subjetividades nas relações entre os homens e a natureza, no contato com o destrutivo mercado político-ambiental na pauta do dia dia, imediatista em influir e generalizar a produção e a procura de acordo com o saber científico ante ao regionalismo e suas características.

Investigando práticas de cura e cuidados de si a partir do uso de Plantas medicinais e fitoterápicos em Campina Grande - PB, no período de 2009 a 2019 (dez anos da publicação do Programa nacional de Plantas medicinais e fitoterápicos), observamos os ditames produzidos na legislação que regulamenta a utilização desses produtos destacando as mudanças nos discursos sobre a saúde no Brasil e como raizeiros, raizeiras e consumidores subjetivam as mudanças no mercado destes artigos, refletindo acerca das permanências e rupturas nas formas de valorização e preservação do conhecimento popular associado ou não ao saber científico. Ainda analisando as estratégias dos produtores e vendedores de fitoterápicos para comercialização dos produtos, apresentando-os como alternativa natural e saudável para cura e manutenção da saúde dos consumidores. Aqui a História Oral e a Memória tem fundamental importância na construção de elementos da narrativa e da perspectiva metodológica para o estudo.

O CONSUMO VERDE

Inicialmente observamos, como consumidores desses produtos em nossas vivências, mudanças nos usos e nos espaços de venda e de divulgação dos medicamentos e das práticas de cura, sejam através de panfletos, sejam através de sites na internet, redes sociais, blogs, programas televisivos ou radiofônicos. Encontramos na Feira Central, mercado público do bairro da Liberdade e na Feira da Prata, por exemplo, a presença de raizeiros e raizeiras comercializando plantas medicinais in natura, mantendo a tradição popular vendendo os produtos sem os cuidados dos higiênicos, facilidades e conforto existentes nas lojas e farmácias especializadas. Porém, encontramos também nesses locais pequenas lojas onde são encontradas as raízes em sacos plásticos etiquetados com a data da embalagem e o prazo de validade destacados, além do nome da empresa. Isso





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

demonstra uma ruptura no modo de lidar com as plantas medicinais. Por outro lado, os fitoterápicos são apresentados de forma sofisticada apresentando nomenclatura botânica completa, destacando a parte da planta utilizada, bula e embalagem, seguindo as normas do regulamento técnico sobre registro de medicamentos fitoterápicos.

Ao longo dos últimos dez anos, esse mercado foi crescendo consideravelmente, alicerçado num discurso que reforça a necessidade de cuidar de si a partir de uma alimentação natural e do uso de produtos o mais próximo da forma encontrada na natureza, em um momento no qual observamos uma discussão sobre “ecologia global sustentável” (SHIVA, 2003). Além de preocupações sobre o prolongamento da juventude, também é um tempo em que todos tem medo de morrer ou de adoecer, e esse tipo de “remédio” é apontado como mais ecológico e saudável, inclusive com campanhas de marketing significativas nos últimos anos (TAVARES, 2016) em meio ao aumento da “natureza líquida” do consumismo global generalizante (DELEUZE, 2008).

Frequentando as feiras livres de Campina Grande, pude observar as mudanças que estão acontecendo na comercialização de raízes e plantas medicinais, como o surgimento de lojas vendendo produtos fitoterápicos, produzidos a base das plantas e ervas vendidas in natura, produzidos aqui mesmo na nossa cidade. Em conversa informal com raizeiros e raizeiras e vendedores profissionais constatamos uma mudança nessa prática, e para entendê-la fomos da análise da legislação em vigor que trata sobre terapias alternativas e práticas populares de cura, como também a leitura do Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, o qual demarca mudanças na utilização das plantas medicinais e dos fitoterápicos, no Brasil, como o início de sua utilização no sistema Único de Saúde(SUS).

Segundo a legislação, plantas medicinais podem ser definidas como sendo toda “espécie vegetal, cultivada ou não, utilizadas com propósitos terapêuticos” (Resolução ANVISA n.18/2013). De acordo com o regulamento técnico sobre registro de medicamentos fitoterápicos item 1.2, são considerados fitoterápicos “droga vegetal, planta ou suas partes, após processos de coleta, estabilização e secagem, podendo ser íntegra, rasurada, triturada ou pulverizada” (BRASIL, 2000)





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Para que o fitoterápico seja comercializado, ele deve ser registrado no Ministério da Saúde, que autoriza sua introdução no mercado para comercialização ou consumo, após avaliar o cumprimento de caráter jurídico-administrativo e técnico-científico relacionado com sua eficácia, segurança e qualidade.

Em nossa abordagem, encontramos produtos de duas formas: in natura - sem processamento - e industrializada. Como por exemplo, podemos citar a “canela de velho”, cujo nome científico é *MICONIA ALBICANS*, conhecida popularmente como “planta milagrosa”, vendida na sua forma natural para ser consumida na forma de chá, como também em formatos processados, como pomada, comprimido, cápsula ou extrato. Apesar de os fabricantes alertarem nos rótulos, por indicação da legislação vigente, que “o Ministério da Saúde adverte: Não existem evidências científicas comprovadas de que este alimento previne, trate ou cure doenças”, estes produtos proliferam-se no mercado, apontando para a cura das diversas doenças e enfermidades, como também voltados para os cuidados com a beleza e higiene física, a exemplo de sabonetes, cremes para os rejuvenescimento e emagrecimento.

Nesses produtos, é perceptível o apelo comercial para aproximar os fitoterápicos da medicina tradicional, seja através dos nomes, seja através da composição, destacando que são produtos naturais, discurso que tem sido ampliado nos últimos anos, com a disseminação de terapias alternativas à medicina tradicional e a expansão do discurso do consumo verde e consciente (SHIVA, 2003). Essas mudanças apontam para uma ruptura no valor dado ao termo “natural”, que passa a ser visto como um produto comercializável e de acordo com “modismos” contemporâneos.

Nas últimas décadas, mesmo com severas críticas de ambientalistas, o uso de insumos e agrotóxicos que atingem plantações mundo afora afetam também a cultura de raízes e plantas medicinais, colocando em risco a saúde das pessoas e aumentando os gastos com tratamentos dos enfermos nos precários centros de atendimento hospitalar das sociedades contemporâneas, com a contaminação de produtos que servem como placebo ou profilaxia para muitos males. Destacando também que a especialização de monoculturas onde antes havia variedade prejudica o ecossistema e interfere diretamente na vida de povos autossuficientes em suas práticas de cura. Ainda há casos da sabotagem





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

ideológica aos produtos naturais por aqueles que controlam a grande mídia com a ideia de demonizar a milenar prática do curandeirismo que em muitas regiões são a única fonte de tratamento de doenças (SHIVA , 2003).

Durante séculos a cura pela natureza foi praticada espontaneamente pelo homem e fez parte do cotidiano das mais distintas civilizações, sendo desconsiderada a partir das descobertas da ciência moderna com objetivos muitas vezes diferentes do objeto inicial, mascarados em intenções distorcidas que condenaram e condenam em proveito de ideais distópicos com possibilidades convencionadas a grupos específicos que se tornam espelho entre os distintos meios sociais. Na busca da verdade absoluta a ciência muitas vezes destruiu valores e conhecimentos sedimentados a pretexto do bem e do progresso (THOMAS, 1988).

A CURA PELO NATURAL

Sobre a atuação de raizeiros e raizeiras em nossa cidade, temos o dossiê de registro da feira de Campina Grande no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que afirma que elas são uma das referências culturais mais antigas da feira central, sugerindo que seu trabalho remete a permanências de práticas de cura transmitidas por várias gerações através do uso dos recursos naturais (ARAÚJO: 2017). As raizeiras e os raizeiros possuem o conhecimento de técnicas para o preparo de remédios caseiros e sua indicação para diversos males e doenças. Observamos ainda a localização de outros espaços para a venda de plantas medicinais e fitoterápicos nos últimos anos, coexistindo com os antigos bancos de feira livre, são lojas ditas especializadas na área.

Assim compreendemos a importância dessa pesquisa no campo da história, buscando refletir sobre questões que dizem respeito às sensibilidades, aos cuidados de si e sobre as experiências de consumidores e vendedores de plantas medicinais e fitoterápicos nos últimos anos. Com essa preocupação, nos aproximamos do conceito de “cuidado de si” de Foucault (1993), cujo autor aponta que “é preciso que ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (FOUCAULT, 1993





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

p.6). A partir do texto de Platão, especialmente o diálogo Alcibíades, no qual afirma que Sócrates era apresentado com alguém que estimulava os sujeitos a ocuparem-se de si.

Esse cuidado de si é reforçado na contemporaneidade quando localizamos o discurso sobre o consumo verde e consciente, levando em consideração a qualidade, o preço, questões ambientais, comprar de empresas que usam tecnologias limpas, meios não poluentes, etc, que são preocupações visando o respeito à natureza e preservação do meio ambiente, pelo menos em tese, sabendo que as estratégias do capitalismo consumista enquadra todas as formas de comércio do mundo ao seu sistema, utilizando inúmeros artifícios para sua continuidade (DELEUZE, 2008).

O tempo presente adquire uma conotação generalizante e impessoal mediante as forças produtivas da indústria farmacêutica que controla a saúde e a doença, de acordo com as necessidades do mercado, criminalizando produtos com a oscilação da oferta e da procura sem se importar com os verdadeiros interessados no assunto, o que conta é o lucro fácil, rápido e contínuo, ante aos ventos do desenfreado consumismo. Que se virem os clientes, o meio ambiente ou o ecossistema por completo, é tudo uma questão de negócio. (TAVARES, 2016).

Verifica-se também nesta questão o papel da medicina institucionalizada, que rejeita o saber tradicional/popular, muitas vezes em função de fatores externos que condenam práticas milenares e (re) disciplinam sociedades em favor de uma proposta dita moderna ou científica, esquecendo o fato de que o acesso à cura em instituições “profissionais” é para poucos privilegiados. De fato, ocorre que “a razão médica moderna é social, não socialista” (LUZ, 1988. p.95), em um entrevero científico não razoável que em pleno século XXI coloca as matrizes racionais em contraste à uma revalorização da natureza, como aspecto diletante dos homens e da procura em manter a saúde no meio da industrialização alimentícia da modernidade.

Com o crescimento de feiras de produtos orgânicos ou naturais, livres de agrotóxicos e fertilizantes que interferem nos alimentos, é de se pensar o por quê de remédios caseiros, raízes e plantas medicinais não tomarem a proporção similar que grãos, frutas, legumes e verduras vem adquirindo nos últimos anos, não somente em pequenos





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

círculos sociais, mas nos setores que consomem e mantêm estes espaços? Esta medicina “alternativa” não poderia sobrepujar o papel “genérico” em relação aos medicamentos adquiridos nas grandes redes de farmácia?

A produção farmacêutica sugere que é muito difícil retirar a dependência do cientificismo racional, e até mesmo a estrutura formada nos grandes centros para a manutenção da saúde compromete a médio e curto prazo uma mudança comportamental à cura pela natureza. O homem atual, devido à escassez de tempo e à correria do dia a dia busca o rápido, o fácil e o mais acessível, até mesmo como vítima da midiatização da manutenção da boa saúde e do cultivo do corpo são por padrões de comportamento alheios ao seu inconsciente na maioria das vezes.

Dependendo do ponto de vista de quem observa tais fatos, podemos dizer que existe ainda um maniqueísmo na relação doença/tratamento ou enfermidades/profilaxia, num paradoxo que a ciência moderna considera o jogo do racional (razão) contra o empirismo (animismo) presente ao longo dos tempos mas que adquire agora nos rumos da genética aplicada e da medicina ortomolecular uma epistemologia de novo milênio sem uma conclusão a curto prazo. Outrora a simplicidade da natureza bastava aos homens, veio a religião pra dizer que não, e agora o cientificismo diz que tudo tem solução com experimento, ensaio e erro. O mundo pós moderno não pretende conciliar tais parâmetros a luz do saber, o possível cada ser tende a procurar por conta própria (THOMAS, 1988).

Com parecer ainda analítico de suposições e incongruências da natureza e do meio ambiente contra a força da indústria farmacêutica e de sua midiatização, temos a sobrevivência da simplicidade dos raizeiros e raizeiras para contar a tradição que insiste em existir frente a ação implacável do tempo.

Mesmo com a busca da revalorização dos produtos naturais para as práticas de cura e uma procura individual, mais que coletiva, dos cuidados com a saúde, é preciso refletir sobre como a sociedade atual se encontra diante do cientificismo e da razão médica ante à oferta salutar que a natureza e o meio ambiente podem oferecer ao cuidado de si. A “geração saúde” explorada pelo limiar do advento ao consumismo traz uma realidade bem idealizada pelo vendedor ante ao cliente, o importante é a manutenção das vendas.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Raizeiros e raizeiras continuarão por um bom tempo como participantes desta atividade, se adaptando aos novos tempos, praticando sua atividade cotidiana. A fitoterapia continua a crescer cativando mais e mais clientes. Os consultórios médicos e demais instrumentos da cientificidade da medicina moderna continuam a crescer, os pacientes só aumentam, a tecnologia que veio para salvar vidas é seletiva e localizada estrategicamente. Como de tempos pra cá nos tornamos tão dependentes de produtos químicos, há de se questionar: Pra onde iremos?

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In. PINSKY, Carla (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.

ARAÚJO Cristina Ruan Ferreira de. *et al.* Tradição popular do uso de plantas medicinais: ação extensionista sobre crenças, uso, manejo e formas de preparo. In. **Revista Saúde e Ciência** online, 2015; 4(3): 55-69. Disponível em < <http://www.ufcg.edu.br/revistasaudeeciencia/index.php/RSC-UFCG/article/view/298/203> >. Acesso em: 30 Abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Acesso em: 12 Abr. 2019. Disponível em < <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf> >. Acesso em: 29 Abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_plantas_mediciniais_fitoterapicos.pdf 30 Abr. 2019.

BRASIL. Resolução da Diretoria Colegiada n°. 259, de 20 de setembro de 2002. **Regulamento Técnico sobre Rotulagem de Alimentos Embalados**. ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em http://portal.anvisa.gov.br/documents/33880/2568070/RDC_259_2002.pdf/e40c2ecb-6be6-4a3d-83ad-f3cf7c332ae2 . Acesso em: 02 de mai. De 2019.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

BRASIL. Senado Federal. **Resolução RDC** nº 17, de 24 de fevereiro de 2000. Disponível em: http://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucao_sanitaria/17.pdf. Acesso em: 30 Abr. 2019.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. In. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), Jul – Dez., 2013, 179-191. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 12 Abr. 2019.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 18 Out. 2018.

DELEUZE, Giles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2008.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. São Paulo : Editora Elefante, 2017.

FERREIRA, Giselle; TAVARES, Fred. **Natureza líquida**: As modelagens marcárias e a publicidade verde. Curitiba: Ed. Appris, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A História da X** vol. 3: o cuidado de si .São Paulo: Edições Graal, 1993.

LUZ, Madel Therezinha. **Natura, Racional, Social**. Rio de Janeiro. Campus: 1988.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

THOMAS, Keith. **A religião e o declínio da magia**. São Paulo: companhia das X: 1988

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo. Companhia

